

ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: UM DEBATE PERTINENTE NA CONTEMPORANEIDADE

SOCIOLOGY TEACHING IN BRAZILIAN BASIC EDUCATION: A PERTINENT DEBATE IN CONTEMPORARY TIMES

ENSEÑANZA DE LA SOCIOLOGÍA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA BRASILEÑA: UM DEBATE PERTINENTE EM LOS TIEMPOS CONTEMPORÁNEOS

Alan William Ribeiro da Costa¹

RESUMO

Destaca-se a análise das relações de ensino de Sociologia no sistema educacional básico brasileiro, objetivando problematizar a sua posição nas Diretrizes Curriculares Nacionais e proporcionar a intensificação do debate acerca da temática. Justifica-se a discussão com a relevância da disciplina na formação de alunos críticos. Realizou-se uma análise que parte da perspectiva macrosociológica das políticas públicas educacionais à microsociológica, abordando a realidade de duas escolas públicas em Igarapé-Açu no Pará, a partir da compreensão dos discursos dos alunos e da observação das práticas pedagógicas nas aulas dessa disciplina. Salienta-se o professor como principal agente para a modificação dessa realidade, seja nas práticas pedagógicas mais dinâmicas ou pela militância.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Ensino médio, Diretrizes Curriculares.

ABSTRACT

It aims to analyze Sociology teaching relations in the Brazilian basic education system, aiming to problematize its position in the National Curriculum Guidelines and the intensification of the debate about the theme. The discussion with the relevance of the discipline in the formation of critical students is justified. An analysis was carried out from the macrosociological perspective of educational public policies to the microsociological one, addressing the reality of two public schools in Igarapé-Açu in Pará, from the understanding of students' discourses and the observation of pedagogical practices in the classes of this discipline. The teacher stands out as the main agent for the modification of this reality, either in the most dynamic pedagogical practices or by militancy.

Keywords: Sociology teaching, High School, Curriculum Guidelines.

RESUMEN

Destacamos el análisis de las relaciones de enseñanza de sociología en el sistema educativo básico brasileño, con el objetivo de problematizar su posición en las Directrices Curriculares Nacionales y la intensificación del debate sobre el tema. Justificando la discusión con la relevancia de la disciplina en la formación de estudiantes críticos. Se realizó un análisis desde la perspectiva macrosociológica de las políticas públicas educativas a la microsociológica, abordando la realidad de dos escuelas públicas en Igarapé-Açu en Pará, desde la comprensión de los discursos de los estudiantes y la observación de prácticas pedagógicas en las clases de esta disciplina. El profesor se destaca como el principal agente para la modificación de esta realidad, ya sea en las prácticas pedagógicas más dinámicas o por militancia.

Palabras clave: Enseñanza de sociología, Preparatoria, Pautas Curriculares.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Pará

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de analisar as relações do ensino de Sociologia no sistema educacional básico brasileiro. Faz-se, primeiramente, uma abordagem sócio-histórica, explicitando como a disciplina foi sistematizada a partir de sua inclusão nesse sistema até os dias de hoje. Demonstra-se, ainda, a trajetória da disciplina, analisando seu desenvolvimento e os impasses que ocorreram e ainda persistem. Essas informações nos ajudam a compreender a realidade atual das práticas educativas de Sociologia no Brasil. Em seguida, apresenta-se a relevância da disciplina na educação básica. Partimos de Florestan Fernandes (1954), que acredita que a disciplina é uma forma de alcançar a racionalidade por meio de um conhecimento crítico, e de Silva Sobrinho (2007), que ressalta a importância da construção dessa criticidade.

Posteriormente, realiza-se a análise macrossociológica das relações de ensino da disciplina na contemporaneidade. Sendo esse o foco do trabalho, utiliza-se essas informações para elucidar as características do processo de ensino da disciplina que perpassam por todo esse período e que ainda se apresentam na atualidade, bem como ressalta os desafios que surgem nessa nova ordem, sendo os principais: a posição na educação básica, a formação dos graduandos em Ciências Sociais e a nova organização das Diretrizes Curriculares. Também foi realizada uma análise microssociológica das relações de ensino em duas escolas públicas de ensino médio na cidade de Igarapé-Açu², no estado do Pará.

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi feito levantamento bibliográfico e pesquisa de campo como uma abordagem que busca compreender a realidade a partir da posição individual dos principais atores (professores e alunos) do processo de ensino de Sociologia. A coleta de dados foi realizada a partir da observação do objeto e a interação com os participantes do processo, assim como aplicação de questionários aos mesmos indivíduos, com indagações que norteavam sobre o interesse dos alunos pela disciplina e a compreensão da importância do componente curricular, entre outras questões.

O interesse por buscar compreender essa realidade surge por uma inquietação que partiu da vivência do cenário da disciplina desde 2016 e a percepção dos problemas relacionados a sua intermitência. A pesquisa, então, teve início no segundo semestre de 2018 e se estendeu até o primeiro semestre de 2019. Para isso, foram realizados todos os

² Cidade do nordeste paraense que, segundo o último censo (IBGE, 2010), possuía 35.887 habitantes. A cidade dispõe de cinco escolas de ensino médio, sendo que três são públicas estaduais e as outras, privadas. Conta com uma biblioteca pública e outra na Universidade Estadual do Pará, assim como uma casa cultural.

procedimentos burocráticos nas secretarias das instituições para levantamento dos horários de aula e contato com os professores e alunos nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio regular. Foi estabelecido como amostragem três alunos de cada turma/ano.

Como critério na escolha dos alunos, utilizou-se de sorteios³ pelo número de chamada, haja vista que qualquer aluno poderia nos responder as perguntas devido já terem cursado no mínimo um semestre da disciplina. As respostas foram transcritas no mesmo momento para o caderno de campo. Por fim, foi realizada a análise dos resultados com a finalidade comparar as respostas com os fatos observados, buscando apreender os aspectos das relações de ensino.

O *locus* de pesquisa foi eleito por critérios que envolvem a localização: a facilidade de acesso à cidade e à escola por serem estas próximas da instituição formadora do pesquisador, que está se licenciando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Pará, e, também, por não haver recursos financeiros para a realização da pesquisa em outras cidades.

2. SÍNTESE DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

Esta parte apresenta uma breve análise sobre a trajetória da Sociologia na educação básica brasileira. A partir disso, pode-se estabelecer o foco da reflexão: de que forma o ensino de Sociologia está sendo praticado em um contexto que faz ressurgir o problema da instabilidade da disciplina no ensino médio.

A Sociologia, segundo Gomes (1994: p. 3), foi introduzida nas Diretrizes Curriculares como disciplina obrigatória pela primeira vez neste país nos anos 1930. O percurso da disciplina teve várias interrupções ocasionadas por mudanças nas Diretrizes Curriculares, e consequentemente, acarretou efeitos que perpassam todo esse período e que ainda podemos constatar na atualidade.

Depois de muitos embates, os movimentos de defesa ao ensino de Sociologia no sistema educacional básico terem ganhado força e espaço, a disciplina se estabilizou, entretanto, pouco tempo depois, segundo Florêncio (2009, p. 7), “em 9 de abril de 1942, entra em vigor a Lei nº 4.244, a então denominada Reforma Capanema, [...] E dentre os muitos decretos assinados, um deles retira a obrigatoriedade da disciplina de sociologia nos cursos secundários”.

³ Quando os alunos sorteados se recusaram a participar, foi realizado outro sorteio utilizando os mesmos critérios, ocorria assim até que se disponibilizassem.

Esta trajetória instável gerou rupturas nos procedimentos pedagógicos. Uma realidade a qual proporcionou um grande déficit em sua construção como conhecimento. Ora, se o professor não ministra aulas, por consequência, não terá desenvolvido uma metodologia precisa e prática.

Nesse cenário, na década de 1960, segundo Gomes (1994: p. 5), “havia poucos profissionais na área da educação, devido a toda essa turbulência no ensino de Sociologia, os profissionais da área detiveram seu interesse apenas na pesquisa científica”, o que nos aponta as dificuldades do trabalho pedagógico da disciplina.

Do governo de Getúlio Vargas à ditadura militar, somaram-se aproximadamente 40 anos de afastamento. No primeiro período, a disciplina foi retirada das diretrizes, no segundo a realidade se agravou, os debates voltados a essa disciplina foram totalmente proibidos nas escolas e foi substituído pelo componente curricular Educação Moral e Cívica⁴.

Com a volta dos ares democráticos, o debate acerca da posição da Sociologia volta à efervescência e, em 1996, esse campo de conhecimento ganha espaço novamente, entretanto, como disciplina não obrigatória. Dando continuidade, segundo Vargas (2011: p. 1), em 2001, “ironicamente, o então presidente da República, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, vetou o projeto de Lei 09/2000, aprovado no Congresso Nacional naquele mesmo ano, que estabelecia o retorno de Filosofia e Sociologia no ensino básico”. Outra vez a disciplina se encontrava em uma situação de instabilidade dentro do campo educacional. Todavia, os debates acerca da temática já estavam muito fortes, assim como os movimentos a favor do componente curricular, que, entre 2002 e 2006, ganham mais intensidade.

No dia 7 de julho de 2006 a Câmara de Educação Básica aprovou o *parecer 38/2007* que alterou as Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, tornando a Filosofia e a Sociologia disciplinas obrigatórias. A *Resolução nº 4, de 16 de agosto de 2006*, alterou o artigo 10 da resolução CNE/CEB no 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio incluindo a filosofia e sociologia como disciplinas curriculares obrigatórias. (SILVA, 2007: p. 420, grifo do autor).

Dessa forma, pode-se analisar as influências históricas, documentais, teóricas e ideológicas que formularam a sistematização do ensino de Sociologia, não sem dificuldades. Como coloca Vargas (2011: p. 2),

⁴ A disciplina era trabalhada para o desenvolvimento do culto à pátria, assim como submissão a relações institucionais e ao simbolismo, objetivando o preparo para a cidadania por meio da moral.

nesse contexto de reformas, mudanças e de crise do modelo tradicional de educação que a Sociologia volta a fazer parte dos currículos de ensino médio. Essa disciplina parece particularmente afetada por todo o contexto, o que tem implicado enormes dificuldades para a sua consolidação. (VARGAS, 2011: p. 2).

Desde essa última inserção, a disciplina se encontrava estável, contudo, em 2016, foi realizada a proposta de reforma das Diretrizes Curriculares Nacionais, que trouxe mais uma vez os ares de instabilidade à disciplina.

O conjunto desse processo reflete na atualidade, por isso, faz-se necessário uma reformulação no conteúdo dos livros para a inserção de capítulos que abordem sobre a trajetória, junto a uma crítica aos projetos políticos que proporcionaram esse cenário de subalternização do ensino da Sociologia. Dessa forma, fomentariam o processo de ensino da disciplina, potencializando a compreensão de seu desenvolvimento e importância no país.

Sendo assim, destaca-se a relevância da Sociologia no processo de construção de saberes no ensino médio e sua centralidade para a formação de um aluno/cidadão crítico e reflexivo. Ela possibilita que o discente tenha uma percepção política, econômica, cultural e social para além de “fenômenos” vazios de sentido, ou seja, colabora para que seja deixado de lado o senso comum, em que as realidades sociais são acabadas apenas no que é perceptível visualmente.

Sendo assim, é de extrema importância que seja realizado o processo construção do conhecimento sociológico junto a esses alunos do ensino médio. Um dos grandes sociólogos brasileiros, que militou no movimento de implantação da disciplina nas Diretrizes Curriculares do ensino secundário (ensino médio atualmente) nos anos 50, afirma que

o ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atividades capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia baseadas em uma compreensão racional das relações de meios e fins, em qualquer setor da vida social. (FERNANDES, 1954, p. 90).

Dito isso, pode-se observar que a Sociologia proporciona mecanismos para uma intensa reflexão e compreensão sobre as multiplicidades étnicas, religiosas, ideológicas, de orientação sexual etc. Logo, é perceptível seu caráter inclusivo porque, a partir da compreensão dos pressupostos sociológicos como o processo de entendimento da realidade de forma racional, como Florestan Fernandes sustenta, tornam-se menos praticadas ações preconceituosas e discriminatórias, não apenas no ambiente escolar, mas, também, em outros campos da sociedade.

Nesse sentido, retoma-se a questão da importância da construção da criticidade no pensamento dos alunos do ensino básico, o que já foi debatido por Silva Sobrinho (2007: p.

16), o qual argumenta ser “preciso atravessar a transparência através de um conhecimento que produza crítica, e, vale dizer, uma crítica radical já que está aí uma das possíveis respostas para a importância da Sociologia no ensino médio”.

Por isso, estudar e investigar sobre a temática proposta é importante porque a Sociologia está retornando ao cenário instalável. A disciplina havia “estabilizado” seu espaço por 10 anos, mas foi abalada pela aprovação da Base Nacional Comum Curricular 2016 (BNCC).

3. QUAL A SITUAÇÃO DA SOCIOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE?

A Sociologia no Brasil, desde 2016, passa por um estado de instabilidade que paulatinamente vem se agravando. Essa realidade reverbera na formação docente dessa área e reflete no mercado de trabalho.

No currículo das competências a Sociologia e as Ciências Sociais não entram como disciplinas do núcleo comum [...]. Por isso a Sociologia continua instável, e com dificuldades de se afirmar como disciplina escolar. Isso interfere na formação de professores, uma vez que o espaço de trabalho como professor de Sociologia não está consolidado. (SILVA, 2007, p. 417).

A sociologia estava com seu espaço estabilizado há dez anos, entretanto, no final de 2018, essa situação se reverte. A gestão federal interina de 2016 – 2018 propôs a reforma do ensino médio, fundamentada pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2016a) desenvolvida em 2016 e aprovada em dezembro de 2018, mas que ainda não está em vigor. Uma das propostas do documento é a retirada da obrigatoriedade do ensino obrigatório de Sociologia e Filosofia nas Diretrizes Curriculares da educação básica brasileira. A gestão atual (2019-2022) pretende pôr em prática o projeto aprovado e, ainda, reduzir o repasse de verbas para os cursos da área, como amplamente divulgado pela imprensa e pelas redes sociais digitais:

O presidente Jair Bolsonaro publicou em sua conta no Twitter nesta sexta-feira (26) que o ministro da Educação, Abraham Weintraub, estuda descentralizar os investimentos nos cursos de filosofia e sociologia do país. O objetivo seria focar "em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte, como: veterinária, engenharia e medicina". Segundo Bolsonaro, o ministro da Educação pretende alinhar esta ideia com o governo. (VIEIRA, 2019).

Pode-se notar o retrocesso na realidade do ensino de Sociologia. Por isso, desde início da proposta e, principalmente, depois da aprovação da BNCC, as manifestações em defesa do

ensino de Sociologia estão se intensificando entre pesquisadores⁵ e entidades de classe⁶. A esse respeito, a Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais⁷ (ABECS) assim posicionou-se:

Convocamos todos e todas a apoiarem a permanência da Sociologia e da Filosofia como disciplinas obrigatórias no Ensino Médio. Pedimos que apoiem a ideia legislativa disponível no site *E-cidadania* (vinculado do Senado Federal) “*Pela obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio*“. Essa proposta pede pela manutenção das disciplinas de Filosofia e Sociologia como componentes obrigatórios do currículo do ensino médio. Visando uma carga horária de 12 períodos distribuídos nos 3 anos letivos. (ABECS, 2019).

Além disso, está em vigor a Proposta de Emenda à Constituição n° 95/2016 (ou PEC 55) (BRASIL, 2016b), que limita as despesas primárias da união por um período de 20 anos. Sendo assim, afeta-se a área da educação, inclusive, atingindo o elo mais fraco dos componentes curriculares, principalmente na oferta de novos professores, nas estruturas de salas de aulas, bibliotecas e laboratórios de informática, por exemplo.

A Sociologia, com isso, fica cada vez mais fragilizada. Foram desenvolvidas sequências de políticas públicas que interferiram diretamente no desenvolvimento da disciplina. Além desses aspectos que atingem mais especificamente esse componente curricular, existem os impasses estruturais que dificultam o desenvolvimento da escola como um todo, e não somente nesse seguimento.

A reforma política do Estado, que ocorre como fruto de disputas ideológicas, das classes sociais, dos projetos que contam com a influência dos intelectuais, das teorias sociais e políticas, levam à recomposição do campo acadêmico e do campo científico. Teorias e modelos explicativos de vida, das regras democráticas e da educação são contextualizadas (elaboradas) nas comunidades científicas e recontextualizadas nos órgãos governamentais que simplificam ainda mais as teorias sociais predominantes. Assim, cria-se uma espécie de *comunicação pedagógica*, com um *discurso pedagógico*, a partir de um regulador da comunicação e da ação educativa que os saberes são organizados, disseminado nas escolas as novas *regiões* dos conhecimentos. O ensino de sociologia está inserido nesses processos de formação, elaboração, disseminação do *discurso pedagógico* e da organização dos saberes. (SILVA, 2007: p. 405, grifos do autor).

⁵ Ver, por exemplo, a reportagem “Mais de mil pesquisadores assinam manifesto contra ideia de Bolsonaro de tirar verba da filosofia e da sociologia”, publicada pelo portal *G1* no dia 6 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/06/mais-de-mil-pesquisadores-assinam-manifesto-contra-ideia-de-bolsonaro-de-tirar-verba-da-filosofia-e-da-sociologia.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2019.

⁶ As entidades mobilizadas são: Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), entre outras.

⁷ Fundada no dia 11 de maio de 2012, essa associação é engajada na luta pela manutenção do ensino de sociologia no ensino médio, formação contínua, quebra da hierarquização pesquisador-professor e, principalmente, intensificar o debate acadêmico acerca dos múltiplos processos que envolvem a Sociologia Escolar, entre outras incumbências.

Essas colocações nos levam a inferir que essa instabilidade da Sociologia na educação brasileira ocorre devido à ideologia dos governos anteriores e do atual, que necessitam de uma população que não consiga refletir, que não produza um pensamento crítico sobre os processos no qual envolvem sua realidade, como os das conjunturas política e econômica. É dentro desse contexto que as escolas investigadas estão inseridas.

4. O ENSINO DE SOCIOLOGIA EM DUAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA NO ESTADO DO PARÁ

No decorrer dessa seção, apresentaremos a realidade de duas escolas da cidade de Igarapé-Açu, no Pará, tendo o foco nas relações de ensino de Sociologia. As escolas são de ensino público, ambas localizadas na Av. Barão de Rio Branco, sendo que a E.E.E.F.M. Nilo de Oliveira é considerada como de zona rural e a escola E.E.E.F.M. Cônego Calado, de zona urbana. Entretanto, mesmo com essa distinção, as escolas ficam distantes apenas 1,8 km uma da outra, sendo que o público é dividido de forma semelhante devido ao ônibus escolar circular apenas em um turno. As escolas recebem pela manhã o público citadino e à tarde, discentes da região campestre, de agrovilas etc.

A pesquisa foi realizada inicialmente por meio de observações participantes das relações dentro de sala de aula, objetivando a análise da metodologia, didática e as relações de ensino como um todo. Em um segundo momento, foram aplicados questionários com perguntas aos professores e alunos para obtenção de informações sobre seu interesse e compreensão da relevância da disciplina, dentre outras questões. Por fim, foi realizada uma análise de conteúdo relacionando as respostas com a realidade observada, o que nos proporcionou uma melhor apreensão do processo. Baseamos-nos em Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999: p. 50-51), para quem não basta que o sociólogo grave fielmente a fala de seus interlocutores, pois os discursos fictícios podem forjar outra realidade. Para o autor, deve-se, então, apreender a realidade como um todo, evitando, assim, pré-noções do objeto.

Como ressaltado anteriormente, os contatos com as escolas foram feitos através da pesquisa de campo, que começou no início do segundo semestre de 2018 e se estendeu até o fim do primeiro semestre de 2019. A entrada no campo foi autorizada depois da entrega de ofícios nas coordenações pedagógicas das respectivas instituições, nos quais solicitavam as múltiplas abordagens necessárias para a pesquisa. Os alunos e professores não terão seus nomes expostos, os primeiros por serem menores de idade e os segundos por não autorizarem a exposição de seus nomes.

A experiência teve início na escola Cônego Calado. A instituição dispõe de um docente concursado que leciona aulas nas cinco turmas de 1º ano do ensino médio. A instituição de ensino tinha disponível outro professor, que ministrava para as turmas de 2º e 3º ano, entretanto, ele se afastou da docência no início de 2018 para cursar o mestrado em outro estado. Não foi possível o contato com esse professor. Os alunos estão sem aula nesse período e pelo o que pudemos observar, devido ao manejo institucional, ficarão sem aula até a volta desse professor, já que se torna inviável a contratação de um novo profissional. Em relação à estrutura da escola, esta dispõe de biblioteca e sala de informática, sendo que são abertas apenas quando algum professor solicita. Nesse momento, constata-se o reflexo das políticas públicas que atingem o ensino de Sociologia, especificamente na oferta de novos professores, privando os alunos de frequentarem aulas de uma disciplina considerada de grande importância.

Desse modo, o primeiro problema da pesquisa foi não poder acompanhar as aulas nas turmas sem professor, então a observação só foi realizada nas turmas de 1º ano. Entretanto, foi possível aplicar o formulário aos alunos das turmas sem professor, haja vista que os mesmos participaram de aulas dessa disciplina durante todo o ano letivo anterior.

As aulas de Sociologia são realizadas nesta escola duas vezes por semana, com a duração de 40 minutos cada. No desenvolvimento do processo das aulas foi notório que o professor utiliza uma metodologia tradicional, semelhante ao processo que Paulo Freire (1996) conceitua como educação bancária, com poucas alterações. O docente lê partes do livro didático⁸, apresenta conceitos, faz anotações no quadro, sendo isso de pouca atratividade para os alunos.

No decorrer das aulas, na maioria das vezes, os discentes não interagem, e, quando interagem, em boa parte são assuntos fora do tema dado. Como atividade avaliativa eram utilizadas questões do livro (esporadicamente) e prova. Não foi registrado diálogos pertinentes entre alunos e professor. O docente levava para as salas apenas o livro didático e pinceis para escrita no quadro, e durante o período da investigação não foi realizada nenhum tipo de trabalho ou aula de campo.

Na entrevista, o professor relatou que utiliza seminário como avaliação, entretanto, não foi observada em nenhuma aula essa forma de avaliação. Durante as aulas, a maior parte dos alunos ficava utilizando o aparelho celular e conversando entre grupos, demonstrado seu

⁸ O livro foi elaborado com temáticas que abordam de cultura e ideologia, poder, política, estado, estratificação e desigualdades sociais, em uma sequência de tópicos e capítulos que vão auxiliando para um melhor entendimento do mundo por uma perspectiva sociológica.

desinteresse. Fora da sala de aula, os alunos não utilizavam de forma tão intensiva o celular. Além disso, pôde-se analisar que os conteúdos são explanados de forma superficial, não trazendo uma discussão mais densa. Essa cena repetiu-se em todas as turmas e aulas, embora com alguma variação. Os alunos deram mais atenção às aulas quando a temática foi sobre cultura, o que ocorreu em um número considerável em relação as outras temáticas.

O professor graduou-se (licenciado e bacharelado) como cientista social em 2000 e relatou ter vontade de continuar a carreira acadêmica, mas julga que “não tem força”. Ora, o cenário de sua formação, assim como o atual, insere esse profissional em um contexto de precarização do desenvolvimento de seu trabalho. Conforme descreve Oliveira (2004: p. 1140), “a perda de garantias trabalhistas e previdenciárias oriunda dos processos de reforma do Aparelho de Estado têm tornado cada vez mais agudo o quadro de instabilidade e precariedade do emprego no magistério público”.

Quando indagado sobre a compreensão dos alunos sobre o livro adotado, ele diz que “os alunos têm dificuldade na compreensão do material didático, mas ajudo ao máximo para esclarecer”. Sobre o interesse dos alunos afirma: “eu considero que 50% da turma tem interesse pela disciplina, a outra [metade] não”. Aponta como uma de suas maiores dificuldades na construção do conhecimento sociológico sua pouca capacidade de manipular aparelhos de mídia que auxiliam na aula, como o *datashow*. Dando continuidade, ele considera que “o número de aulas é suficiente, mas se fosse um caso contrário, se os alunos tivessem interesse e buscassem debater nas aulas, essa quantidade seria pequena”.

A partir das repostas obtidas sobre os procedimentos que norteiam o desenvolvimento do ensino de Sociologia, principalmente no que se trata em instrumentalizar os alunos para que consigam produzir um pensamento crítico, somos levados à compreensão de que o ensino dessa disciplina, nessa escola, precisa ser cada vez mais atrativo e dialogar com a realidade dos alunos, porque, caso contrário, o trabalho poderá fracassar.

Dando continuidade à análise, a instituição Nilo de Oliveira dispõe de uma docente concursada que leciona nas turmas de 1º a 3º ano nos turnos da manhã e tarde. A escola não dispõe de laboratório de informática e possui uma pequena biblioteca que normalmente não fica aberta. Assim como na outra instituição, são duas aulas de 40 minutos cada. A metodologia da docente é dinâmica, na aula corrente é apontado o tema da próxima e solicitada a leitura. A professora traz os capítulos do livro para o debate, apresenta os conceitos, buscando sempre fazer uma analogia com a realidade dos alunos e, ao final, sempre os instiga, faz perguntas, utiliza seminário como forma de avaliação e também atividades com

questões do livro. Pode-se observar que a maior parte dos alunos fica atenta às aulas, o que explicita seu interesse pelas aulas.

A docente responsável graduou-se (licenciada e bacharelada) em Ciências Sociais em 2006, possui duas pós-graduações e também demonstrou ter interesse em prosseguir a carreira acadêmica, mas afirma que é impedida pelos encargos da docência em outra instituição. A professora disse participar das manifestações virtuais já citadas em defesa do ensino de sociologia, o que demonstra seu interesse na manutenção do ensino de sociologia.

Em relação ao interesse dos alunos, a professora relatou que “nas turmas de 2º e 3º é bem equilibrado, devido já terem um contato maior com a disciplina, e uma parte já se sente interessada, porque sempre busco trazer a realidade deles para o debate, mas é claro que sempre têm os que não se interessam”. Ela acrescentou: “a maioria dos alunos do 1º ano não tem interesse, principalmente devido ao pouco contato”. Salientou que seus maiores desafios ao lecionar são “além das estruturais, como a falta de uma biblioteca e laboratório de informática:, está em construir um pensamento crítico entre os alunos de 1º ano, que já vem com um grande déficit em sua formação, em especial, na interpretação de textos”.

Posteriormente, falou sobre o processo de compreensão do conteúdo do livro didático, em que “uma grande maioria consegue, sim, e uma outra parte não [...]. Para tentar ter um melhor resultado eu retorno as discussões para tirar dúvidas”. Ao se posicionar sobre a quantidade de aulas, afirmou “se fosse para... como eu gosto de falar: estimular a imaginação sociológica, criar uma imaginação crítica no aluno, é suficiente [...], mas existem dificuldades que vão além da disciplina de Sociologia [...] que necessitam de um debate interdisciplinar”.

Os alunos têm entre 15 e 18 anos, uma parte tem interesse em aprender (pelo menos nas aulas de sociologia, tanto que, alguns alunos solicitaram conhecer o resultado desta pesquisa e uma palestra), têm hábito constante de usar o celular, mas boa parte evita nas salas, usando o tempo para relacionar os conhecimentos repassados pela escola.

Como se pôde perceber, as metodologias dos docentes se distinguem uma da outra, assim como suas respostas às indagações. Esse conjunto de fatores reverberam nas respostas dos alunos de forma clara. Na primeira escola analisada, a partir da amostragem, torna-se perceptível o desinteresse dos alunos. Ali, apenas um dos discentes (aluno 4) disse o motivo de sentir interesse pela disciplina, afirmando: “Sim, tenho interesse, pelo fato que ela mostra os contextos das realidades para ir mais a fundo nos fatos sociais”. Outros alunos nos relataram que se interessam, porém não souberam demonstrar o motivo.

Entende-se que essa falta de argumentação está atrelada à falta de compreensão dos pressupostos sociológicos, algo que conduz essas respostas questionáveis sobre o interesse, haja vista que é perceptível dentro das salas de aula o comportamento dos alunos, que leva a entender que os mesmos não dão importância à disciplina.

Na abordagem sobre a compreensão da importância da construção do conhecimento sociológico no ensino médio, as respostas positivas diminuem na quantidade e não mostram claramente os princípios aplicados na ação pedagógica ou soam superficiais, como “conhecer a sociedade” (fala do aluno 7), algo que torna nítido que os alunos não têm interesse pela Sociologia e nem a compreensão de sua importância.

Também foram feitas perguntas relacionadas à compreensão da linguagem do livro didático e foi possível constatar aspectos semelhantes em respostas obtidas nas duas escolas: “o livro, eu não entendo muito, não, mas o professor explica as palavras diferentes, aí eu entendo” (aluno 5). De fato, durante a observação, ficou bem nítido que ambos os professores explicaram bem os conceitos e termos que os alunos não conseguiam entender durante a leitura. O livro em questão, também segundo a análise feita para esta pesquisa, possui uma linguagem razoavelmente acessível aos alunos, mas se mostraram necessárias as discussões dos conceitos em salas de aula para que se alcançasse nas turmas um melhor entendimento. Isso nas duas escolas.

Na escola Nilo de Oliveira, foram obtidas respostas dos alunos sobre seu interesse nas aulas de Sociologia mais extensas e consistentes, entretanto, os interessados não são a maioria. Ao perguntar se a aluna 10 sentia algum interesse pela Sociologia, ela disse: “Sim, a Sociologia é uma das matérias principais, que nos ensina muito sobre o dia-a-dia da globalização, política e costumes. Ela é fundamental, a melhor matéria.” A resposta da aluna 14 para o mesmo questionamento foi: “Sim, transforma o pensamento, começa a entender o que está por trás da realidade, ‘desaliena’, a gente se torna mais crítico”. Quando a compreensão da importância da disciplina vem para o debate, as respostas positivas aumentam significativamente em relação à outra escola, chegando a ser mais da metade das respostas a serem justificadas. Um discente do 3º ano (aluno 16), disse: “Sim, porque o aluno consegue compreender os problemas e a partir disso tem uma posição mais crítica”.

Nesse horizonte, percebe-se que os cenários das relações de ensino/aprendizagem são distintos nas instituições citadas, na medida em que, para superar os impasses enfrentados por essa disciplina, a docente conduz essas relações de modo a possibilitar um melhor aproveitamento dos alunos, enquanto o outro professor realiza um desenvolvimento dessas

práticas mais remotas, o que pode colaborar para a subalternização da Sociologia frente às demais disciplinas. Partindo dessa análise, nota-se a importância do educador neste processo, que, apesar desta realidade conflituosa, desenvolve uma metodologia atrativa e gera resultados positivos no campo educacional. Além disso, em nossa avaliação, é de grande importância o professor fazer parte de manifestos em defesa do ensino de Sociologia, algo que representa um ato de militância em prol da disciplina. Com sua permanência, as práticas de ensino se desenvolvem cada vez mais e também geram um estado de estabilidade, provocando o sentimento de segurança ao docente e aos futuros professores.

Além disso, conforme as análises construídas na pesquisa em questão, vemos a necessidade da formação continuada do educador, com ênfase nos conhecimentos teóricos adquiridos para aplicação na prática, oportunizando os discentes a obterem uma maior criticidade sociológica e discernindo as mais diferentes contribuições desta disciplina. Logo, pontua-se a metodologia e perspectivas dos docentes responsáveis, que podem refletir o contexto do tempo de sua formação. O professor entrevistado, por exemplo, terminou a sua graduação em um período em que a Sociologia estava com seu lugar comprometido na educação básica. Já no período da conclusão da graduação da professora, a Sociologia já estava com seu espaço consolidado, os debates acerca da obrigatoriedade da disciplina estavam de certo modo concluídos, e, desde de que a professora se formou até o incidente do final de 2018, a disciplina estava estabilizada nos três anos do ensino médio.

Outra questão a ser ressaltada, é compreendemos que o interesse dos alunos não é apenas incumbência do docente responsável pelas aulas de Sociologia. Existe todo um conjunto de fatores que influenciam a atenção e empenho ou o distanciamento do corpo discente. Um deles é que a trajetória dessa disciplina vai consolidando seu espaço subalterno dentro do sistema de ensino brasileiro, já que, mesmo com 10 anos de estabilidade, continua com um número de aulas reduzido em relação a outras. As questões institucionais, também, muitas vezes, acabam inculcando o desinteresse de forma sutil nos alunos. Outros aspectos que dificultam o trabalho pedagógico são a falta de laboratório de informática e de uma biblioteca com livros relacionados à Sociologia – limitar o processo de ensino apenas ao professor, aluno e ao livro didático traz dificuldades para todo o processo de ensino, nas escolas de forma geral.

5. BREVES CONSIDERAÇÕES

A Sociologia hoje está inserida em cenário semelhante a outros por quais já passou em sua trajetória, como foi relatado. Foi possível compreender todos os processos que dificultam o trabalho pedagógico da disciplina, principalmente os que têm relação com as políticas públicas, dada a relevância de a disciplina ser trabalhada no ensino médio. Encaramos aqui como maior desafio para o ensino de Sociologia o interesse dos alunos pela disciplina, o que entendemos ser resultado da construção de longo prazo da subalternização do componente curricular. Assim, mesmo que o professor tenha a metodologia um pouco mais atrativa, ele não consegue reverter essa realidade na sala de aula.

Esse componente curricular é visto por grande parte dos alunos entrevistados nas escolas de Igarapé-Açu/PA como se não consistisse em uma disciplina essencial para o processo de formação intelectual e racional de uma pessoa. Por isso, compreendemos ser necessário que o docente responsável adote uma metodologia que dialogue cada vez mais com a realidade do aluno, com aulas de campo, buscando sempre instigar o pensamento e o diálogo sobre diversos temas e relacionar essas reflexões com sua vivência em forma de trabalho acadêmico, objetivando preencher lacunas desse processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, sentimos a necessidade de dizer que acreditamos que nós, enquanto cientistas sociais, temos como dever intensificar o debate aqui sugerido no âmbito acadêmico, nas ruas e em outros espaços, porque compreendemos a importância do ensino de Sociologia para uma educação emancipadora de pensamento e de ação. Por isso, devemos ter como objetivo reverter essa realidade, como muitos em nossa história fizeram e estão atualmente realizando, como participar dos manifestos em defesa do ensino de Sociologia. Não apenas para defender um lugar de trabalho, mas pela importância de nosso trabalho e pelo progresso metodológico e da ação pedagógica e intelectual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABECS. **Pela obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio.** [2018]. Disponível em: <https://abecs.com.br/pela-obrigatoriedade-sociologia-e-filosofia-no-ensino-medio/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON J.C; PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF, 2016a. Disponível em: <http://basenacionalcomun.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 05 ago. 2018.

BRASIL. **Proposta de emenda à Constituição nº 55, 2016**: PEC do Teto dos Gastos Públicos. Brasília: Senado Federal, 2016b. Disponível em <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=3878501&disposition=inline>. Acesso em: 26 out. 2019.

FERNANDES, Florestan. **O Ensino da Sociologia na Escola Secundária Brasileira**. In: Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954. São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1954.

FLORÊNCIO, M. A. Lemos. **A sociologia no Ensino Médio: O percurso histórico no Brasil e em Alagoas**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, C. A. **A educação em perspectiva sociológica**. São Paulo: EPU, 1994.

IBGE. **Cidades** [2010]. Disponível em (disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-acu/pesquisa/23/25207>). Acesso em 25 out. 2019.

OLIVEIRA, Dalila Andrade de. **A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização**. Educação e Sociedade, Campinas (SP), v. 25, n. 89, p.1127-1144, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>. Acesso em: 01 out. 2019.

SILVA SOBRINHO, Helson Flavio da. **“Eu Odeio/Adoro Sociologia”**: sentidos que principiam uma prática de ensino. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Recife: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2007.

SILVA, Ileizi Fiorelli. **A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina**. Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, 2007.

VARGAS, Francisco E. Beckenkamp. **O Ensino da Sociologia: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2011/10/ARTIGO-O-Ensino-da-Sociologia.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

VIEIRA, Laís. **Bolsonaro sugere cortar verbas para os cursos de sociologia e filosofia**. R7. 24.04.2019. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/bolsonaro-sugere-cortar-verbas-para-os-cursos-de-sociologia-e-filosofia-26042019?amp>. Acesso em: 27 mai. 2019.